

O RECREADOR MINEIRO.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 1.º

1.º de Abril de 1845.

N. 7.

SEBASTIANOPOLIS.

TRAÇO HISTORICO DO RECREADOR MINEIRO SOBRE A CAPITAL DO IMPERIO DO
BRASIL.

Sebastianopolis, ou cidade de S. Sebastião, mais conhecida pelo nome de Rio de Janeiro, floresce por sua situação natural, riqueza lúxo, e commercio como hum das mais importantes e opulentas cidades da America. Remontemos pois pela escala de suas phases, e consideremos o facto de seu nascimento as alternativas de sua infancia, e o physico theatro de sua representação.

Portugal e Hespanha, havendo conseguido a aquisição de diversos territorios na America do sul; fundarão nesta parte continental, e insular suas respectivas colonias. Mas as outras Potencias Europeas nutrião hum sentimento de inveja para com o goso, e posse exclusiva d'aquellas duas Nações. A ambição, e cobiça, acobertadas de religiosos pretextos, inspiráram ao Francêz Nicoláo Durand Villegagnon a empresa de se estabelecer na bahia de Nitherohy, protegido em suas intenções pelo celebre almirante Gaspar de Coligni, e deste ponto diffundir pelo continente americano a Religião Reformada de Calvino, de quem era sectario. Entrando pois em 1555 no porto do seu destino, construiu em

hum pequena ilha da referida bahia o Forte de Coligni, que designa a sua dedicação ao almirante do mesmo nome, hoje porém geralmente conhecido aquelle Forte com o nome de Villegagnon seu fundador. Dois annos depois 1557 havendo o dito Villegagnon modado de crença religiosa, trahio. e perseguiu a seus proprios companheiros. Entretanto chega Mendo de Sá por ordem do Governo Português e desaloja as forças concentradas na Fortalesa de Coligni, as quaes retirárão-se de noite ao continente, onde estabelecerão suas fortificações reunidos com os Tamoyos; e esta nova posição so lhes tornou ainda mais vantajosa pela chegada de subseqüentes forças. Por esta occasião é chamado á Europa Villegagnon onde terminou os dias pelos remorsos de sua negra perfidia, infamado com o epitheto de — Caim da America —. Portugal, sabedor do feliz incremento, com que progredia a colonia Francesa no litoral de Nitherohy desperta d'indolencia em que havia permanecido sobre tão séria causa, e decide-se a expellir os colonos Protestantes do territorio occupado. Com este in-

tnito envia Portugal ao Governador Mendo de Sá seu sobrinho Estacio de Sá commandando dois Galeões; e reforçando na Bahia a sua esquadra, com a protecção do Governador seu tio, vem desembarcar em 1565 no ponto denominado ao depois Villa Velha junto ao morro do Pão d'Assucar. A fortuna porém nunca lhe foi propicia nos differentes ataques contra as forças occupantes; em consequencia do que o Governador Geral Mendo de Sá apresta no porto da Bahia hum armada de trez Galeões, vindos de Lisboa, commandados por Christovão de Barros dois Navios da corôa, e seis grandes Caravelas; e o mesmo Governador Geral veio em pessoa ao auxilio de seu sobrinho, transportando consigo gratuitamente numerosas familias para povoação da futura colonia. Erão passados quasi dois annos em esforços infructuosos quando Mendo de Sá surgiu em Nytheraby em 1567; e em dois dias consegue asenhorear-se das posições do inimigo, obrigando-o a debandar juntamente com os Tamoyos seus allados, tomando-lhes os fortes Urussumiri, e Paranápuçny. Depois de alguns dias transportou-se Mendo de Sá da primeira povoação do Pão de Assucar, e veio estabelecer com hum grande numero de familias, que havia conduzido das Capitánias do seu transito, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no lugar onde hoje existe o bairro da Misericordia. Occupand-se nesta fundação perto de anno e meio, e deixando as precisas ordens para o progresso e segurança da nova cidade, volta para a Bahia, então capital do es-

tado, nomeando a seu sobrinho Salvador Correia de Sá para Governador do Rio de Janeiro, por isso que Estacio de Sá havia recebido no ultimo conflicto a 20 de Janeiro de 1567 hum ferida de que gloriosamente falecêra depois de algumas semanas.

Em 1572, o Rei de Portugal D. Sebastião I.º dividio o Estado do Brasil em dois governos septentrional, e meridional, enviando para este fim dois Capitães Generaes independentes Luiz de Brito para a cidade de S. Salvador da Bahia, com jurisdicção nas capitánias do norte; e o Dr. Antonio Salema para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que foi designada como capital da divisão do meio dia, comprehendendo as capitánias entre o rio Belmonte e o rio da Prata, ter-mo da jurisdicção do supradito Governador,

Nesta época teve lugar a emigração de duas grandes Nações indígenas, Tamoyos, e Tupinambás, expulsos por Salema, evitando assim a destruição da cidade nascente do Rio de Janeiro.

A divisão do Brasil em dois Governos, como acabamos de referir pareceo inconveniente á Corôa Portuguesa; ordenou por tanto D. Sebastião I.º que os seus dominios na America regressassem ao antigo regimen de hum só Governador; e dando por finda a jurisdicção do Dr. Salema, nomeou a Salvador Correa de Sá Capitão General, com patente de 1.º de Janeiro de 1576, durando o seu governo até 1578. Nenhum de seus successores governou por tanto tempo; á excepção de saudoso Gomes Freire de An-

drado, que desde 1733 até 1763 sustentou as redens do commando quando neste anno lhe foi cortado pela mão da Parca o fio da vida.

Em 1676 havia sido a cidade do Rio de Janeiro creada Sêde Episcopal; e em 1776 erecta em capital do Brasil no reinado de D. José I.^o, transferindo-a da Bahia que até então havia gosado deste título, conferido no reinado de D. João 3.^o. Esta cidade teve sette Vice-Reis, preeminencia que foi transferida em 1763 somente para os Governadores do Rio de Janeiro; D. Antônio Alves, Conde da Cunha; D. Antonio Relim de Moura, Conde de Azambuja; D. Luiz d'Almeida Marquez de Lavradio; Luiz de Vasconcellos e Sousa; D. José de Castro, Conde de Resende; D. Fernando José de Portugal, que foi depois o primeiro Marquez d'Aguilar; D. Marcos de Noronha, Conde d'Arcos cujo governo terminou com o ingresso da Fidelíssima Rainha D. Maria 1.^a, do Principe Regente e mais Real Familia no dia 7 de Março de 1808, transferindo-se da antiga sêde da Monarchia quando a Aguia Imperial da França pousava na capital Lusitana; servindo a incllyta cidade do Rio de Janeiro como de nova patria á Dynastia Reinante de Bragança; e onde o Principe Regente de Portugal, fundando a primeira Côrte Monarchica, de cuja residência jamais havia sido theatro a terra do Brasil, subio ao Solio Real em 1818, vago pelo óbito da Rainha D. Maria 1.^a, sua Augusta Mãe.

Finalmente, proclamada em Setembro de 1822 a Independencia Brasileira, a cidade do Rio de Ja-

neiro expandio no meio do mais ardente enthusiasmo, e fervorosos votos sobre o Augusto Herde d'Ypiranga as aclamações de Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brasil.

Entre estes gloriosos successos começa a epocha da Emancipação Nacional: mas como já o havemos dito, compromettendo-se somente o nosso artigo á historica menção do facto do nascimento, e phases da infancia a respeito do assumpto que descreve, o *Recreador Mineiro* não passará á narração de humia idade subsequente sem que para esse fim se dedique a instaurar adequado artigo. Resta nos pois terminar o nosso traço historico com o physico theatro em que se achia situada a cidade que commemoramos.

Na margem occidental da magestosa bahia denominada Nitherohy, pelos Aborigenes, significando agua escendida, de hy-agua-nithero occulta; denominada tambem de St. Luzia nome dado pelos Portuguezes ao serviço de Carlos 1.^o, Fernando de Mgalhães, e Ruy Falleiro, insigne mathematico, por haverem nella entrado a 15 de Dezembro de 1519; e, além de muitas outras denominações, que a Historia deixa em silencio, conhecida finalmente com o nome de Rio de Janeiro, que Martin Affonso de Sousa lhe havia imposto, explorando-a no 1.^o dia do anno de 1552; na margem occidental, dissemos, d'esta magestosa bahia está fundada a Capital heroica do Imperio do Brasil, no proprio lugar em que existira a antiga Guenabara dos Tupinambás. O terreno em que se achia situada é hum

planície que pela maior parte fôra antigamente mar, ao longo de hum aggregado de collinas e montes de todas as alturas que lhe ficão da banda do sul com mais de tres quartos de legoa leste-oeste. Com-tudo, ha nesta planície seis montes destacados, sendo o 1.º fortificado n'outro tempo; e ainda hoje conserva o nome de morro do Castello. e hum resto da sua fortificação. O 2.º que lhe fica fronteiro na parte de oeste é o morro da Conceição coroado por humma fortaleza, e pelo palacia do bispo diocesano. O 3.º denominado de S. Diogo, que se separa do precedente por hum valle com a denominação de Vallongo e que tambem tem a de Morro de N. Sra. do Livramento no lado do norte. Quasi ao noroeste deste morro, em distancia de 450 braças, ha hum oiteiro alcautilado, em cujo vertice existe hum Hospital de Lazaros noutro tempo casa de recreio dos Jesuitas. O 4.º é a extremidade da serra denominada da Mai-d'Agua e por ser coroado com

hum Convento de Religiosas Therezias tem por nome Morro de St. Thereza cuja vista o *Recreador Mineiro* efferece delineada na subseqüente estampa, por isso que considera o original de seu transcripto tão grato quanto edificante pela viva recordação das virtudes, e perfeições evangelicas professadas na eminencia dessa pittoresca collina. O 5.º é o de St. Antonio que tem na parte superior hum grande Convento de Religiosos Antoninos, que lhe dão o nome. O 6.º em fim é o de S. Bento com hum Mosteiro de Benedictinos, donde lhe vem a denominação.

Calcula-se a circumferencia desta cidade em mais de 4 leguas, nao incluindo os suburbios de todos os lados onde as casas de campo e jardins se succedem sem intervallo por mais de duas leguas de raio.

Está situada a 6º do sen meridiano, a 45º, 55', 49" de longitude occid. do Observatorio Astronomico de Paris; e 22º, 54' 22" de latitude do sul.

O GRANADEIRO DE WATERLOO.

A Europa tinha cahido segunda vez sobre a França em 1815; o imperio miado pela traição desmoronava-se com estrepito e o seu ultimo esplendor, apagado nas margens do Loire, nao deixava mais que a lembrança dos heroicos, ma-vãos esforços de hum punhado de valentes, fieis companheiros do homem grande. A aguia da victoria e as bandeiras de immortaes côres, já tinham desaparecido. Humma familia inteira de Reis, sahida das ba-

gagens da retaguarda dos exercitos colligados, tinha tornado a entrar em Paris com os seus costumes estrangeiros, suas idéas de antigo regimen, e o sen sequito de cortesãos antiquados para governar hum povo, de que por muitos annos tinha despresado até o nome. Estavamos por ultimo debaixo do jugo da invasão estrangeira, levando sobre nos-as frentes o lucto de nossas victorias.

Os Soberanos das potencias ligas-



Chenot Jr

VISTA TOMADA DE S^a THERESA

das contra a França não se atreviam a deixar com as armas na mão, os que não tinha destruído a metralha de Waterloo. Treinando no seio de nossas cidades, e rodeados de seus soldados, pedirão que se licenciasse o exercito. Esta petição e antes humma ordem e licenciou-se o exercito.

Então vin-se humma multidão de veteranos, daquelles valentes que tantas victorias alcançáram nos tempos da Republica da Consolado e do Imperio, dis-eninados pela sua patria, sem sustento, sem cama onde reclinassem a cabeça. Os officiaes, elevados a hum posto superior por grandes e sublimes feitos, reduzidos já a simples artistas, ganhavão com o trabalho de suas mãos hum amargo pão. Uns, encobrendo suas cicatrizes debaixo de hum vest do grosso, vagavão pelas praças publicas para levar e trazer fardos; e outros, em fim, não podendo suportar a adversidade expiração de miseria. Os soldados os antigos soldados que as fadigas da guerra haviam já encanecido, tornáram a empunhar o a ado, e a cultivar os seus campos.

Vicente, hum daquelles granadeiros que *leváram até ao fim do mundo a gloria do nome Francez*, não tinha campo que cultivar. Tendo sahido mui moço de casa de seus pais para ir salvar a França sem haver aprendido officio algum, vin-se em pouco tempo, apesar dos honrosas cicatrizes que cobrião seu corpo, reduzido á mendicidade.

Mas Vicente tinha humma alma orgulhosa. mendigar! antes humma vera, com a cruz da legião de honra que brilhava em seu peito, carre-

galh o cano da sua espingarda, para fazer saltar os miolos.

Porém era necessario trabalhar, ou deixar-se morrer de fome. A força de pensar lembrou-se de que sabia governar hum *cabriolet*. — A occupação não em nada brilhante; todavia a necessidade agia e Vicente fez-se cocheiro.

É este o destino dos homens! Aquelle que havia combatido em todos os campos de batalha da Europa, cujos cabellos haviam encanecido nelles, cuja unica ambição era dormir nos braços da gloria, estava reduzido a submeter-se á vontade do primeiro desconhecido que alaga-se a sua sege.

Havia já dois annos que exercia a sua penosa profissão. — Hum dia estava parado na praça de Vendôme: seus olhos fitos na columna de bronze viao diante de si a historia de sua vida passada... Penas, soffimentos, miseria tudo tinha esquecido; seu coração tornava a ser o do antigo militar: achava-se enthousiasmado fora de si proximo a arregar-se e abraçar este monumento gigantesco, como o homem que o havia levantado, quando de repente se desvanecio toda a illusão. Humm voz tihalle re-oado ao ouvido com a palavra: *cocheiro*. — Esta palavra bastava para o tirar da sua distração: ella lhe recordava a sua presente situação em todos os seus soffimentos. — O cocheiro subio para o seu cabriolet com hum coenel moço que conduzia ao Faubourg de S. Germain, voltando logo a estacionar-se na praça mais immediata.

Ludo concertar as almeçadas do cabriolet, achou Vicente humma car-

teira que abriu, e continha 10:000 francos em notas do banco, e algumas cartas dirigidas ao coronel Val-Léone. O honrado cocheiro voltou immediatamente ao Faubourg de S. Germain onde procurou o coronel.

Meu coronel, lhe disse fazendo-lhe a continência militar: deixastes esta carteira no meu cabriolet.

— Sim, certamente porém como ignorava o numero que tinha.

— Ha por certo dinheiro bastante para pagar o pret a hum regimento inteiro. Vêde se está a conta certa.

— Não é preciso... Tu segundo parece também serviste?

— Vinte annos.

— Visto isso não te pergunto se fizeste a guerra.

Então o cocheiro levantou a cabeça e levado de hum impulso de nobre orgulho abriu o colete, e mostrando a sua cruz; disse: — Austerlitz no campo de batalha.

— E porque escondes esse signal de honra?

— Meu Coronel elle cahia muito bem sobre o uniforme da antiga guarda... porém sobre estes farrapos não seria mais que humma continua reconvenção para os que nos governam.

— Tens razão, camarada sei o que é o soldado bom, generoso, nada tem de seu... bem o sei.

— Mas em fim já que isso se acabou não tornarei a ouvir o estampido do canhão.

— Pôde ser.

— Oh! não. com os meus camaradas, não com o outro. não digo que não

— Ah! sim o outro... fizeste muitas campanhas?

— Todas.

— A da Russia?

— Sim, estive em Moskow, e na passagem do Beresina.

— E eu também.

— Vós, meu coronel?

— Sim, valente soldado, somos companheiros de armas; contemos nossas reminiscencias do campo de batalha.

— Reminiscencias tristes! foi então que os nossos valentes soldados desaparecerão decimados pelo frio, ou sepultados na neve.

— Sim, amigo meu eu estive também aponto de lá ficar... oh! nunca me hei de esquecer. Fiquei estirado sobre o gelo, expirando de fome e frio; chegou-se a mim hum granadeiro da guarda levantou-me em seus braços; e alimentou-me com hum bocado de pão, que era o unico que possuia.

— Fez bem, juro que se tivesses necessidade... eu também fiz outro tanto; lembra-me como se fôra hontem. Hum joven official do Estado maior que salvei no caminho do Dnieper...

— No caminho do Dnieper?

— Tinha-lhe cabido o cavallo... pobre mancebo! Estava estendido sobre a neve, sem movimento, quasi expirando de frio e mingoa... reparti com elle a fortuna de hum soldado... hum bocado de pão.

— Sim, hum bocado de pão... e depois?

— Ainda conservava algumas gotas de aguardente na minha cantimplora... ella não se podia repartir... assim dei-lh'a toda.

— E o nome. o nome gravado nessa cantimplora?

— Como! sabeis, coronel?...

— O nome. eu te supplico.

— Vicente.

— Vicente ! exclamou o coronel precipitando-se nos braços do generoso veterano . Vicente ! ah ! já consegui encontrar aquelle que me deo a vida .

Cinco minutos depois ia o cabriolet caminhando para casa de seu dono e o coronel conduzindo Vicente ao seu gabinete , disse-lhe , mostrando-lhe huma cantimplora collocada entre hum troféo de armas : » Alli está a tua cantimplora ; quando n'á d'este , trazia dentro a existencia de hum homem , a miuha... ei-la aqui (entregando-lhe a carteira) eu t'a torno a dar no mesmo estado , mas encerrando ainda a existencia de outro homem , que d'esta vez será a tua . »

(*Le Phare de Bayonne.*)

AS ERVILHAS VIAJANTES.

Hum moço rico , desejando fazer hum mimo de alguma cousa rara a huma joven senhora a quem amava , procurou , nos suburbios de Paris humas ervilhas verdes , de que , com bastante difficuldade , apenas achou quatro meios quartilhos , que pagou a razão de seis luizes de ouro cada hum preço extravagante , porem julgou ser este o unico presente de valor , que a delicadeza da dita senhora permitiria que aceitasse .

Não é certo se o moço deo ordens para avisa-la do preço , que havia pago , ou se a estação do anno , e o conhecimento da raridade do presente , o fez adivinhar ; porem ella não sendo golosa , não pôde conter-se de dizer ao portador „ que quem as comprou tinha mais dinheiro que juizo . ”

A mãe desta senhora , naturalmente avarenta vendo-a desta opiniao , propoz vender as ervilhas , e

depois de hum debate . em que venceu a delicadeza da moça fê-la consentir em manda-las ao mercado , onde não existia semelhante raridade .

Neste intervallo , outro anão da menina foi fazer-lhe huma visita e entre outras conversas , fallou-se em ervilhas verdes , donde elle concluiu que a moça tivera o dezejo de provar deste legume . Por tanto , despedio-se apressadamente e foi ter com as mais celebres fruteiras de Paris de quem soube com o maior desgosto , que as unicas ervilhas que tinham apparecido erão quatro meios quartilhos , que haviam visto huma velha levar a casa do principe de Condé .

Esta noticia fez reviver as suas esperanças ; elle botou-se atraz da velha a quem conhecia e felizmente apanhando-a antes de chegar ao palacio do fidalgo , julgou-se mui feliz , em poder obte-las pelo preço moderado de trinta luizes ! !

A velha , igualmente contente , voltou com o dinheiro , e disse á moça quem havia comprado as ervilhas . Bem que a esta não desagradasse o dinheiro muito sentio que o seu amante favorito as houvesse comprado , temendo que fossem destinadas a alguma rival e nesta supposição ella foi confirmada pela maneira precipitada por que elle se havia despedido . Raivosa de ciúme ella communicou os seus receios a huma amiga que estava presente , e ambas se occupavão impiedosamente em queixar se da infidelidade dos homens , quando , eis que appareceu hum dos creados do pobre amante suspeito , com hum cesto ornado de flores , e coberto de ramalhetes , sendo hum mimo enviado por seu amo á joven senho-

ra: e qual foi a surpresa da bella *presenteador* descobrindo as mesmas ervilhas verdes deixo dos ramalhete! Tornou-se assim a angustia do ciúme em excessivas rizadas pelo despeito deste gracioso incidente. A amiga que era como pessoa da familia, e gostava de bons petiscos insistiu em que se devia comer as ervilhas, para nao causarem mais confusão na casa; pôz-se como se conhecesse o motivo deste conselho, a mãe e a filha assentaram em mandar cozinhar hum dos meios quartilhos.

Depois da saída da amiga, fez-se novo conselho, para se deliberar sobre a sorte das ervilhas restantes.

A filha já senão oppunha á nova venda dellas porem a mãe, tendo humma demanda que muito se empenhava em vencer julgou mais conveniente manda-las de presente ao seu procurador.

Este mimo causou humma contenda calorosa entre o procurador da causas e sua mulher. A tal madama gostava de passar bem e pretendia que se comessem as ervilhas, porem o marido soube melhor o modo de promover os seus interesses e mandou-as ao marquez de Renté, que lhe havia promettido proteger humma má pretensão; apenas foi o cesto depositado em cima da mesa do marquez quando o amante que o havia ornado de flores entrou na sala onde veio de visita, e vendo o mimo que havia feito á sua bella deste modo desprezado, ficou bastante agastado; com tudo, calou-se.

D'ahi a poucas horas foi este visitar a amante perfida, e ella a-

gradeceo-lhe muito o presente das ervilhas, dizendo-lhe que as achou exquisitas. O moço irritado que se levasse o disfarce a tal ponto replicou que ella deveria prioritariamente esperar que o marquez as provasse para poder dar humma opinião acertada.

A senhora, não podendo adivinhar a que fazia allusão, e confundida pela violencia de suas invectivas, pediu-lhe humma explicação.

Elle narrou-lhe este ultimo incidente, mas ella não podendo suspeitar o que havia succedido, afirmou que não eram as mesmas ervilhas.

Esta negativa sómente fez o moço desesperar mais; insistiu que lhe mostrasse o cesto em que elle mesmo havia depositado os meios quartilhos, e que havia ornado de flores; e como ella não o pode-se apresentar, puzera que a desavença já não admittia composição alguma, quando, oh potente Cupido! eis que as ervilhas appareceram de novo. O marquez de Renté sendo também hum dos adoradores da joven senhora, julgou fazer-lhe coisa agradavel mandando-lhe o presente de ervilhas; e na verdade chegaram muyto a proposito. O amante favorecido ficou persuadido que o marquez não podia ser tao pouco attencioso, que houvesse de restituir hum presente que lhe fôra feito, porem, ao mesmo tempo estava certo da identidade das ervilhas e por isso foi preciso que a mãe da moça lhe confessasse a verdade.

Por fim accordou-se no sacrificio das ervilhas viajantes, que depois de descansar na cozinha de suas penosas fadigas, foram comitas pelas partes a quem mais havia incommodado a sua peregrinação.

HUMA CASA DE JOGO.

O cavalheiro de Balzac vigiava na educação d'hum sobrinho destinado á carreira militar, e que tinha de comparecer em proximo exame para ser admittido á Escola Polytechnica de Pariz.

Atravessando eu hum dia o Palais-Royal, encontro o velho Balzac caminhando com accleração tal, que fazia duvidar da sua idade.

Ah! meu amigo, me diz elle suspirando, vêde hum infeliz atormentado na sua velhice por violentos dissabores!

— Perdestes vosso sobrinho?

— Senhor é mais funesto o que eu sinto, por que receio sua deshonra.

— A morte seria com effeito perferivel a similhante desgraça; mas talvez sejam imaginarios os motivos de vosso receio. Eugenio, vosso sobrinho, sempre me pareceo circumspecto, estudioso, respeitador e affeçoado para com seu tio, e ambicioso de adquirir hum nome de indelevel gloria.

— Sim, eu conheço como vós, que Eugenio me ama, que adora a sua familia, e que é huma nobre ambição a que palpita em seu joven peito. Seus Professores elogião sua intelligencia feliz; eu applaudo seus progressos; mas hum só defeito pôde denegrir todas estas brilhantes qualidades; hum só defeito pôde submergir na desolacão toda a sua familia. Eugenio é jogador! e o jogo é hum golfo, que não apresenta praia, nem offerece fundo. O homem emborcando-se n'este már tempestuoso, e perdendo a terra de vista, é raro ganhar o porto.

Eu fiquei atterralo com o que Balzac me referia, e a minha imaginação percorreo n'hum só momento o intervallo immenso, que sepára os dous extremos da vida d'hum jogador.

Oh! paixão inextinguivel, e insaciavel, por que não reconhece limites á sua cubica! Mas disse eu a Balzac, como soubestes vós da conducta de vosso sobrinho? — Nada me foi mais facil, responde elle, tirando de sua algibeira hum carta de jogar, onde as letras N., e R. se achavão impressas com tinta encarnada e preta, collocadas em pequenas columnas traspassadas com golpes desiguaes, sendo alguns cercados por huma estrella debuxada com lapis. Eis aqui o denunciante de meu sobrinho. Esta carta cito-lhe hontem á noite da sua algibeira, quando se despedio de mim. Julgai agora da minha afflicção. Eu dezejaria ainda duvidar da verdade; mas como se todas as provas se devessem reunir, no reverso da carta achão-se inscriptos os diversos lances que o jogador tem experimentado. Ha certos dias em que meu sobrinho se apresenta com huma melaucholia, cuja causa eu procurava em vão. Ainda não digo tudo: na parte inferior da dita carta li o nome de Dangeau, manco cebo arruinado por suas dividas, e que passa sua vida inteira no deborche escandaloso dos jogadores. Pertence este moco a huma familia das mais nobres de Quimperlay; dissipou huma fortuna immensa, que tinha de multiplicar-se por huma alliança que seus pais lhe havião proporcionado com madama de Brounge, a mais bella, e a mais rica heideira da Baixa Bretanha; e por esta fatal paixão as portas das melhores familias do paiz se lhe fecharão e a sua estragada moral lhe fez perder todas as vantagens que devia esperar da sua educação, do seu nascimento, e da sua fortuna. Tenho tentado penetrar nessas horriveis cavernas onde temo de encontrar Eugenio mas o receio de ser visto, e de me suspeitarem a frequencia nestes lugares gela a mi-

nhu corrigem; entretanto o perigo é imminente, e esta noite pôde tirar ao enfiado hum sentimento de pesar, e a nós hum meio de salvação.

Constatada a posição de Balzac, offereci-me para lhe servir de guia. A entrada de huma casa de jogo é huma das portas do Grêve (1), e esta terrível verdade acaba de receber huma nova, e inflexível applicação na sentença do joven A. que sae desta ignominiosa mansão para subir ao cadafalso. Convenci pois a Balzac para que me seguisse, e ambos nos encaminhamos a hum local de jogo. A que se nos apresentou offerecia para este ministerio o 1.º andar, tenlo por baixo hum elegante loja onde se emprestava dinheiro sobre penhores; e no 2.º andar existia hum desses estabelecimentos vergonhosos, que os costumes reprovão, mas que a lei protege; podia-se dizer que por hum tractado infernal todos os vícios tinham feito eleição de domicilio nesta horrível casa. Arrastávamos por hum antecâmara onde se achavão assentados tres ou quatro criados, que olhãrão para nós com hum admiracão ironica. O ruido que se fazia nas salas contguas no momento em que chegavamos indicava humas lessas altercações tão communs entre o banqueiro, e os jogadores. Aquelle lançou os olhos para nós, e fiquei attonito de reconhecer hum moço que tantas vezes havia encontrado no meio da opulencia. O seu rosto cõrou hum pouco, dando-me assim huma prova de que ainda se não achava na alta escala de suas funcções. Eu vacillei se deveria evitar suas vistas, ou exor-me a ser publicamente reconhecido, mas reflectindo que sua intervenção nos podia ser util, não hesitei em lhe ren-

der as minhas saudades. Não lo somente E. que en conheci na sala da rolêta. En humas das extremidades da mesa vi o filho do grãfado de hum antigo procurador do meu paiz. Este moço, depois de haver dissipado o seu patrimonio, viera azitar-se no gremio dos jogadores. Teve a fortuna de ganhar em seis mezes ao jogo perto de 300000 francos, mas não satisfeito com esta singular fortuna, continuando a obedecer ao seu vicio, tudo perdeu, ganhando a miseria, e a indigencia.

Balzac fez-me observar em frente d'este jogalo hum mulher cujas feições assimilhavão-se ás de hum fura; tinha elle na mão hum carta similhante á que Eugenio havia perdido, e traspagava-a em cada momento com hum grande alfineiro, cuja carteira era hum bulhaute. Seus olhos pretos conservavão hum resto de sua antiga expressão; e seus vestidos indicavão os despojos d'hum antiga opulencia. A seu lado estava hum moço Inglez, arriscando sua fortuna moris burla. Era neto do Barão Newman, jogador profissional que se do suspeito de subtiliza de minhas foi lido dia, em Londres atirado pela janela de hum 2.º andar, e a quem o famoso poeta e conde de Foot aconselhou que jamais deveria jogar senão em casa terrea.

En reconheci tambem a D... homem que o amor do jogo precipitou na miseria mais profunda; e huj recorre á compaixão dos jogadores felizes. Nasceu com 50000 francos de renda, e tudo perdeu somente ao jogo. Alocumentado por seu proprietario recorre a bolça de d'hum amigo, que lhe empresta a somma necessaria para satisfação de suas dividas. Porem for desta quantia julga ser occasião favoravel para tentar a fortuna. Ganha alguns cen-

(1) Traça dos supplicados.

tenares de francos e parecendo-lhe ser este lance a ante d'hum febre d'homens, estendeu a mão para a própria casa e tirou hum cartão das boças, todas contiguas ao Palais-Royal. N'ella seguiu a sua fortuna, augmenta; em tres dias consecutivos ella se lhe conserva fiel, e D... achase senhor de muitos mil francos. Contulho a boa sorte o desamparo, e em hum só noite todo perde, até o proprio d'alheir que seu amigo lhe havia emprestado. Tidos os seus moveis terão vendidos.

Em quanto Balzac procurava nas salas immediatas seu sobrinho, observou hum individuo que andava de roda das mesas, attendia com vivo interesse aos differentes lances, e marcha do jogo; parava algumas vezes diversas quantias. Hum dos circustantes me disse em voz baixa: este é o agente de huma companhia que se instituiu contra esta casa, e que joga contra esta banca. Quando pelo resultado dos hazards do jogo elle se convence que pela mancha com que a roleta se acha collocada, tão e tão numeros saem com mais frequencia, e apresentação por rouquencia lances de beneficio seguro applica-lhe os fundos de que para tal effeito se acha depositario. Repara na fidelidade de seus olhos em seguir os movimentos da bóla antes de se livrar na casa do numero de ganho; como elle examina postora, e o mover da mão que a lança; como elle se occupa em procurar todas as causas, que podem imprimir no movimento de rotação a ligeireza ou a lentidão accidental! A roleta, por muito perfeito que seja, apesar do equilibrio que se lhe dê, sempre desce imperceptivelmente, e então saem certos numeros com frequencia.

A mancha com que a bóla é lançada deixa tambem conjecturar o ponto em que ella deve calar. Todas es-

tas combinações são calculadas todos os dias; e a companhia tem parissagenstes em todas as casas de jogo, os quaes se assegurão da fidelidade da mancha antes de commença as suas operações. Mas esta casa já foi previnida da existencia dessa companhia; e por tanto tem a cautela de mudar de appositos, o que desconcerta as combinações.

Entretanto Balzac nada descobria; e F... a quem eu tinha committido cada o ma vo da minha visita, e o recem de meu amigo, assegurou-me que a pessoa que eu lhe designava, lhe era inteiramente desconhecida; mas em quanto a Dengeu, que tinha delle cabal conhecimento, e que ainda hontem havia soffrido por esta casa huma perda enorme, correndo a seu respeito funestas noticias. O pobre e valioso Balzac tremia com tal informação; resolveu-o pois a que desamparasse estes logares, e me offereci para o acompanhar até á sua casa. Mas a sua surpresa foi extrem quando lhe annunciação que seu sobrinho havia hum horra que se tinha recolhido. Engêno sobrinho da chagada de seu tio, vóa a seus negocios; e neste momento, tio e sobrinho mundão se em lagrimas.

Ah sr., diz Eugénia, que terrivel já! acabo de receber! A impressão que ainda sinto me submerge no horror e esta recordação incompanha todos os meus dias. Saiba que hontem me encontrei com Dengeu. — Hontem só? (Disse o tio que nao ousava levantar os olhos, and chumedeidos.) — Sim, sr., hontem só. Súa mãe de hum casa de jogo, e como eu recusasse ficar com elle por mais tempo, convi-me a procurar lo esta manhã, e entregue-me seu nome, rua, e numero, hum carta de jogar, que perdi. (Balzac nunca disse a seu sobrinho que a havia achado.) Infelizmente me lemb-

brei do nome da rua e numero da casa; dirijo-me a ella e encontro huma numerosa reunião, cujo prazer nos augurava hum dia encantador. O mesmo Dangeau não cessava de mostrar o espirito mais livre e a imaginação mais risonha; cada hum de nós invejava hum talento tão agradável. Propoz elle huma saude, que tinha por motivo huma viagem que elle dahi a pouco se dispunha a fazer. Todos os braços se erguem os copos se toçam e se despejão. Nesta confusão, Dangeau desaparece. Todos o procurão; eis que hum tiro de pistola no interior de hum gabinete vizinho nos gela de horror. Precipitamos ao gabinete, e o infeliz Dangeau ainda respirava. Meus amigos, pronuncia elle com medonha voz eu quiz que a minha morte servisse de util espetáculo à amizade. Aproximai-vos, e vede como acaba hum jogador, que se quer subtrahir à infâmia.

Eu apertei as mãos de Balzac e de Eugenio, e implorei àquelle, que tudo pôde pelo desgraçado, que já não existia.

(Traducção dos Redactores.)

CODIGO CONJUGAL DOS INDIOS

Que sabios são os indios! dirão todos os maridos, quando lerem o Codigo conjugal d'este povo, que hum jornal inglez apresenta às damas cartistas do seu paiz! Nós o estampamos em nossas columnas, não para modelo mas para curiosidade.

ARTIGO 1.º

» Não ha para as mulheres sobre a terra outro Deos que o seu marido. » (1)

(1) A materia deste artigo parece-nos santa e justa. muito mais que os deuses da India não são lá grande coisa.

2.º

» Ainda que o marido seja velho, aleijado nojento. brutal e gastador de seus bens com as raparigas; nem por isso a mulher deixará de o considerar como seu soberano e seu Deos! » (2)

3.º

» A creatura feminina ha sido formada para obdececer em todos os estados da vida. Filha, deve ella humilhar-se diante de seu pai; esposa diante de seu marido; viuva, diante de seus filhos! » (3)

4.

» A mulher casada deve ter toda a cautela de evitar o pôr a menor attenção nos outros homens, quer sejam mais sabios; quer mais galantes » (4).

5.º

» Huma mulher não pôde comer com seu marido, e deve ter por

(2) Esta doutrina é antipathica, e com licença dos srs. indios a não achamos muito commoda. Em quanto á velhice do marido, estamos conformes; mas em quanto a ser o marido aleijado, porealhado, abrutalhado, e de mais a mais dissipador dos bens com as mulheres alheias, e querer que a mulher o adore e goste d'elle. para cá vai harrado!

(3) Esta doutrina tem que se lhe diga, depois que as mulheres descobrião a grande segredo de que os homens não podem passar sem ellas, esta obediencia cega tornou-se problematica. Elas mandão. e a verdade é que nós lhes vamos obedecendo!

(4) Achamos esta doutrina muito boa, ao menos para o socco da casa: os nossos antigos e antigas a seguirão á riscar, hoje não está o negocio tão apertado, com tudo julgamos que os indios a isto não crão todos de todo.

grande honra o comer os seus sobejos » (5)

6.º

» Se seu esposo ri, ella rirá ; chorará se elle chora » (6)

7.º

» Toda a mulher seja qual fôr a sua esphera, deve preparar ella mesma as comidas delicadas para seu marido » (7)

8.º

» Para agradar-lhe deve a mulher banhar-se todos os dias, primeiro em agua pura depois em agua de açafrao ; pentear e perfumar os seus cabellos ; pintar as palpeiras com antimonio, e trazer sobre a testa algum enfeite vermelho. » (8)

9.º

» Se seu marido se ausenta, deve a esposa jejuar, dormir sobre o chão,

(5) Este artigo é brutalmente atrozador, e o acredita nada o gosto dos taes indios ! Pela parte que nos toca, n'essa sem senhoras não nos abre o appetite. Que gosto maior que o homem comer com sua mulher ! e se ella fez o guisado então muito melhor. Isto de lhe dar os sobejos bem se vê que cheira tolíce.

(6) Está feito, isto não faz mal; muito mais que rico ellas quando querem e chorão quando lhes faz conta.

(7) Também nos parece que não é isto fóra de conta. humas vez que não passem á classe de cozinheiras; com tudo hum guisadinho por meos de anneis não deixa de ser bem bom petisco.

(8) A respeito da lavagem é muito bem ordenado e mesmo approvamos a agua de elcivo, menos a de açafrao. Também approvamos que andem penteadinhas por que desquedelladas não tintão tanto; mas em quanto ao tal antimonio e enfeite vermelho é gosto indio: não fallamos n'isso.

» abster-se de todo o adorno. » (9)

10.º

» Quando seu marido voltar, ella se apresentará cheia de alegria diante d'elle, e logo lhe dará conta da sua conducta de suas palavras, e até de seus pensamentos. » (10)

11.º

» Se o esposo a reprehender, elle deve ella agradecer pelo bom conselho. » (11)

12.º

» Se o esposo a castiga, deve receber com paciencia a correccao ; pegar elle depois nas mãos, beijar lhas respeitosaemente, e pedir-lhe perdão por ter provocado a sua cólera. » (12)

Acabou o código: as nossas leitoras não tem mais que perdoar: nós o transcrevemos sem animo offensivo, e não para as affligir: o nosso fim, he mostrar-lhes o quanto a nossa civilisação está diante da tal civilisação indiana ! Em quanto a nós o melhor código matrimonial é a graça de Deos.

(9) Tudo isto não tem geito nenhum.

(10) Na primeira parte os indios tem razão, mas na 2.ª não lha achamos: é metter o marido de correição ! E que tempo lhe não seria preciso para lhe ouvir a confissão das palavras ! Ellas que são capazes de fallar pelos cotovelos !

(11) Isto não faz mal nenhum.

(12) É doutrina christã; bem vemos que afflige, mas não podemos ir contra a Sagrada Biblia: de mais humas agoonias entre casados não deixão de ser necessarias. humas reconciliação com lagrimas e papa muito fina !

• A VISITA DAS PRIMINHAS.

— Dá licença *Anor perfeito* ?
 — Póde entrar, *Minhas paixões*.
 — *Maruca*, vossê também
 — Passa he n *Minhas tensões* ?
 — Priminha dê-me esse abraço,
 Como está, como passou ?
 Ao recalo d'outro dia
 Nem resposta me mandou.
 — *Vidinha*, vossê desculpe
 Que ando muito atrapalhada;
 Não vê como estou desfeita ?
 Até já nem como nada.
 — Mas que tribulhos são estes,
 Porque razão não m'informa ?
 — Pois vossê inda não sabe
 Que estou aprendendo a Norma ?
 — Pois por isso é que s'enfada,
 Deixinlo até de comer ?
 Que a tem posio neste estado,
 Que a tem feito emigracer !
 — Eu ouvi na Costa diva
 Exclamarem bello.... bello
 Quando tocon no piano
 Aninha, a filha do Mello.
 Formei eu logo tenção
 De estudar a Norma inteira;
 Pois eu quero la qu'em musica
 Me tom'ella a dianteira ? !
 — Ora ainda estão de pé ?
 Sente-se, *Minhas tensões*,
 Ca, não fação cere'nonia;
 Sente-se, *Minhas paixões*.
 — Diga-me então que ha de novo
 Por ahí, *Anor perfeito* ?
 Conte-nos cousas galantes
 Para o que tem graça e geito
 — Eu, *Maruca*, inda sei
 Que lhe possa interessar....
 Já ha de saber que Anelia
 Esta breve p'ra casar....
 — Sim Pois eu o não sabia,
 E com quem, prima, com quem ?
 Sera possivel que della
 Podesse agradecer-se alguem !

— Ella é hum tanto morena,
 Porem é bem educada;
 Posto não seja bonita
 Não deixa de ser prendada.
 — Ora saia-se d'ahi
 Não mangue co'migo prima;
 É prenda fallar francez,
 Fazer versinhos com rima ?
 — Pois não sabe que são gostos,
 Demais ella é sympathica.
 — Cá na minha opinião
 Sempre foi mui antipathica.
 — Hum certo cabello louro
 Que outro dia lhe contei,
 Já não passa mais por cá,
 A razão porque, não sei.
 Huns dizem que'stá doente;
 Outros que elle'stá perdido,
 Parém ha quem nos affirme
 Que é porque foi demittido.
 — *Minhas tensões* vossê sabe
 Que aconteceu ao *Juquinha*
 Outro dia quando veio
 Tomar cha cá na visinha ?
 Sabe umi bem que trazia
 Hum cabellinho a faceira;
 Pois outro dia cahio-lhe,
 Porque era cabelleira !
 Ficou como hum gato morto
 Com a cabeça p llada,
 Em desespero damnado
 Por ver a geral risada.
 — Ora vejão que fracasso !
 E como não ficaria
 Elle, que se ufana ser
 Grande na tafalaria !
 — Também não sei o que tem
 Trazer cabello postico,
 Só nos homens se repara
 Pois nós não usamos isso ?
 — Porque nós so nos senhoras,
 É para nos adornar,
 — Ora é boa: então os moços
 Também não devem brilhar ?

— Como a priminha o defende
Com o de escandalizada !

Agora sei a razão

Por que ficou tão corada

Quando eu no outro dia

E a tal mentiroza fallei ;

Prima dou-lhe os parabens

Seja feliz... não pensei !...

— Ora prima não cassõe,

Que isto não são brincadeiras

Fico logo incommodada

Quando falla em ties asneiras.

— Aproveitemo nos maoinha,

Ba ta ja de dar macada,

Vamos vamos porque a noite

Já vai muito adiantada.

— Inda é cedo : ora pois não !

Inda agora o chá tomou ;

Olhe que Emilia outro dia

Por isso se consipou.

— Não, vamos nos embora

A noite mui linda está,

La quanto a vanstopações

O cholle me livrará.

— Tome lá o seu chapéo

Onde o comprou... Que bem feito !

— No M.^o Josephina.

Adeos meu *Amor perfeito*.

— Não se vá assim ingrata,

Venha lá esse beijinho.

Adeos querida *Maruca*

— Adeos meu caro *Amorzinho*.

Lembranças ao Manolinho,

Saudade ao primo Vicente

— Em vindo *Minhas paixões*

Eu ca lhe farei sciente.

— Esta sua escadassinha

E' mesmo os peccados meus,

Ora não precisa luz...

Passem bem, adeos.. adeos.

COPIA DE UM ESCRITO DE AMORES NO ESTILO MAIS SUBLIME.



Paranimpha accisollada! — Os luminosos raios de teus rutilantes olhos acommetterão, isto é: atravessarão, quero dizer: penetrarão os reconditos dialectos do meu alcanatilado peito onde tem o seu habitaculo o famigerado coração. Sim, adorada Minerva apenas esses teus excellentes olhos se voltáram para os meus, não tive mais garantias e a minha jurisprudencia se vio escravizada nos ferros dos teus atractivos. A ingratidão, dizia hum philosopho que era cousa ruim; quanto mais em humia deidade categorica, sympathica e anodina?

Não penses, bella corifea não imagines querida preopinante, que em minha alma se *matricula* o filosofico sentimento da immoralidade actual, e do effectivo crime. Nos

altos privativos de hymeneo, guiado pelas preceitos formaes do deos vendado, aquem adora até as velozes borboletas, é que anhele render-te holocaustos sobre a ardente pira dos affectos immortaes. Embora a tyrania de teus paes indifferentes, e os acerrimos direitos da natureza pretenda aristocratisar os sentimentos cordiaes e antilogisticos, pondo barreiras inconcursas aos nossos laços: debalde se insurgirão contra mim os céos a terra os elementos e a propria chuva: nada será capaz de apagar-te da minha Memosine que é o mesmo que a memoria; e nas nitidas azas de cupido subiremos ás nuvens da felicidade.

Ah! D. quando quando, encantadora serpe, terei a gloria a dita a ventura de ver-me em teus

apologéticos braços! Quando desses lábios viperinos ouvirei o fatal nome de teu esposo postumo? Nada temas furibundo Venus raios coirosos, trovões, tudo desafio e tido o estorço por manietar o teu bellico coraço. A preta F, que vende inhães será a mensageira desta, e te conpara a resposta o — teu desadorado amante e magnifico idolatra. — F.

(Carapuceiro.)

CHARADA 3. (a)

1.º

Quem me perde, perde toda a ventura. 1. 2. 4
Tempo de hum velho sou, preposiçao. 3. 5

Sou mal que só affecto o coração,
Amarga minha dor, mas tem dogura

2.º

A' fera, e á pou'inha asilo presta, a
Aos viventes poder só la tormento, 1
Tira ao homem com barbaro instrumento
O q' elle nao da, não vende, não empresta
3.º

Nunca em cima me verás, 1
Pois embaixo é meu lugar:
Embaixo da mesma sorte 2
Jámais me podes achar

Sou fructa muito vulgar

(a) — Os leitores rememorem estas charadas por alguns dos nossos assignantes a quem agradecemos o obsequio: — posto que alguns não trouxessem escripta a decifração, procuraremos dar-lhe a resposta immediato.

4.º

Os ares sendo ligeira, 2
Sou no interno procurada: 1
Se queres provar-me quebra
O nucleo em que sou guardada.

5.º

La no vasto oceano rolo, } 2
Só me gera o seu furor. }

Em alta eminencia posto } 2
Sou do rumo indicador. }

Da vida humana,
Que é fugitiva
Eu sou nas trevas
A imagem viva.

ADIVINHAÇÃO.

Depois de andar pelo mundo
Sobre os ares, sobre os ventos,
Sempre calado voando,
livre de máos pensamentos
Assim que meu dono é morto,
Mil terros de mim dao cabo,
E se a fallar chego, fallo.
Que nem o proprio diabo.

Charadas do n.º antecedente.

- 1.º Palácio.
- 2.º Arara.
- 3.º Amor.
- 4.º Pelago.
- 5.º Pas atempo.
- 6.º Destino.

O Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.
A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º sendo alguns numeros acompanhados de outras estampas. O seu preço de 6000 rs. por anno, e 5000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra desta 7000 rs. annuos, e 5500 rs. por semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclui o porte do correio. Cada numero avulso custará 400 rs. e 1200 rs. levando estampas: as quaes se devião augmentarão o preço d'a signatura. Subscreve-se na Typographia Imperial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, e em todas as casas d'agencia dos Correios da Provincia, e de fora nas pessoas de fóra, que desejarem subscrever, dirigir-se tambem por carta sobre semelhante objecto ao Director da Typographia mencionada.

Ouro preto 1845. Typ. Imparcial de B. X. Pinto de Sousa Rua da Giló n. 9